



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO VII
Nº. 28

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Direção: Ayres Gevaerd

Composta e impressa na Gráfica Bandeirante — Brusque — SC.

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano VII

Outu, Novem. e Dezem. de 1983

Nº. 28

Sumário

- 1 — IV — A Imigração italiana — Dr. Vitório Ledra 180
- 2 — A greve de 1933: a industrialização, a participação dos políticos e o movimento sindical, em Brusque. Aloisius Carlos Lauth 183
- 3 — Uma excursão pelo interior de Brusque, 1912. Max J. Schumann 193
- 4 — Notícias de Brusque. Do jornal NOVIDADES:
- a) Brusque na Exposição Nacional de 1908 197
 - b) Tio Manuel — 1911 197
 - c) A enchente de 1911 199
 - d) Brusque, pitoresca Brusque, 1912 200
- 5 — Documentos da administração Barão Maximiliano de Schneéburg referentes a outubro e novembro de 1864 202

CAPA: Gentileza de Wolfgang L. Rau.

Clichê: Vista parcial da vila de Brusque em 1.905.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA IV

Victório Ledra

Prosseguimos na tradução do texto italiano do Pe. Pietro Maldotti, escrito em 1897, dirigido ao Bispo de Piacenza, Giovanni Battista Scalabrini, a respeito da Imigração Italiana para o Brasil.

NO PORTO

No Porto de Gênova as coisas não andavam muito melhor, malgrado a presença do inspetor de P. S. (que por sorte ainda existe), o ilustre Comendador Malnate, a única pessoa que incutia algum medo nos patifes exploradores multiformes. Pouco podia fazer, seja porque a lei, na sua deplorável elasticidade, era e é cúmplice dos malfeitores, seja pelos obstáculos que surgiam a cada passo. Este egrégio senhor não só me ajudou quanto pôde, mas sempre me serviu de escudo contra os prepotentes, enfurecidos contra mim. O fato de um pobre padre opôr-se sem mistério e sem meios termos, quase com ares de desafio, a suas torpes especulações, tirava-lhes o sono. Resolveram acabar com a história. Imaginaram, por momentos, havê-lo conseguido quando me acusaram perante o Prefeito de então como um dos perturbadores da ordem que apareceram em Gênova, embaraçando o bom andamento do comércio e da pequena indústria.

A assembléia dos comerciantes, dominada por alguns notáveis da Maçonaria, fez um protesto veemente, encaminhando-o à Prefeitura, que no momento era muito sensível a tais manifestações em vista das eleições próximas.

Uma carta anônima, que me chegou às mãos junto com as comuns que me ameaçavam de morte, colocou-me de sobreaviso. Aconselhei-me com meu bom amigo Comendador Malnate. Preveni os jornais da cidade e pus-me à sua disposição.

No dia seguinte o jornal Caffaro apareceu com um Edital em letras garrafais: "AMANHÃ REVELAREMOS OS MISTÉRIOS DO PORTO DE GÊNOVA E A CRIMINOSA EXPLORAÇÃO DOS IMIGRANTES".

Por mais de vinte noites prossegui fornecendo artigos documentados e por vinte dias os jornais comoveram a cidade com as notícias de torpezas inauditas. Ameaçavam, reiteradamente processar-nos, mas nós continuávamos a expôr as roupas sujas ao público.

Logo a seguir, o Prefeito mudou de tom. De Roma chegou a tão esperada Ordem Ministerial que obrigou as Companhias e os Agentes a transportar os imigrantes para Gênova apenas na véspera do embarque e a alojá-los e alimentá-los gratuitamente até o momento da partida.

Meu bom e bravo amigo Malnate parecia satisfeito, pois havia trabalhado intensamente para atingir aquele objetivo. Eu não sabia a que santo agradecer. Muito, porém, tivemos ainda que sofrer para que as ordens superiores fossem cumpridas.

As novas disposições removeram, portanto, a causa principal do excessivo aglomeramento de gente miserável em Gênova e conseqüente exploração. Os agentes, em caso de desobediência, deviam pagar multas. Aos poucos, passaram a trazer da campanha os imigrantes no tempo certo. E este sistema ainda perdura.

Mas onde os alojam e mantêm? Nos navios que estão por partir. É fácil compreender os graves inconvenientes para a higiene representados pelo acotovelamento de milhares de indivíduos a bordo de um navio, antes da inspeção sanitária...

Os casos de epidemias em alto mar devem-se, em grande parte a esse pernicioso, mas por ora indispensável sistema. (A bordo do navio Pará morreram de sarampo 39 imigrantes).

MISSÃO EM ALTO MAR

Pobre gente! Que será deles quando se acharem em alto mar? A bordo daqueles navios-fantasma sofre-se, chora-se, nasce-se, morre-se sem o conforto do amigo natural dos desventurados, o sacerdote.

O vício, acalentado pelo ócio de vinte ou trinta dias, alastra-se. Os palavões e a blasfêmia mais requintada e peregrina tornam-se passatempos comuns. Não falta quem aproveite velhacamente da excepcional fraqueza das mulheres que, apertadas como sardinhas, entre homens desconhecidos de todas as raças, sentem sua virtude, por maior que seja, submetida a duras provas, principalmente sob os trópicos e na passagem da linha equatorial.

Os escândalos são abertos; nem sempre quem pode ou deve quer reprimí-los. Eu mesmo assistí a aberrações estranhas entre casados, na frente de todos, diante de suas inocentes crianças.

Oh! Quem me dará um sacerdote, que com sua palavra ou com a simples presença, os mantenha morigerados!!...

SEGUNDA PARTE — O BRASIL

Por que fui ao Brasil?

Uma escapada até o Brasil era simples conseqüência de minha missão no porto. Com efeito, bem compreenderá V. Exa. que no meu cérebro, que não pensava nem via senão imigrantes e seus sofrimentos, devia martelar o pensamento e o desejo de conhecer de perto os lugares para os quais partiam diariamente tantos navios cheios de carne humana.

Quantas vezes, à margem do cais, nas pontes de embarque, acompanhava com os olhos repletos de pena aqueles pobrezinhos que, perturbados por ver que eu não os acompanhava, davam-me a última prova de sua gratidão, agitando um pobre pano branco!...

E o navio afastava-se, lançando-se com força para o oceano, e desaparecia com os últimos raios do crepúsculo e, muitas vezes, nas trevas da noite. E eu voltava para casa. Nada de novo? A novidade era sempre uma pilha de cartas, que me faziam a queima-roupa estas perguntas: "O que é o Brasil? Como se vive lá? Passa-se bem? Ou se passa mal?"

Ou então eram estas outras: "Fulano partiu para o Brasil há 15 anos; escreveu duas ou três vezes, sem data, nem lugar. Onde se encontra?" Uma menina queria saber onde estava seu pai, que nunca tinha visto e que nunca tinha escrito. Por isto fazia chorar sua mãe. Mandava o selo para que eu respondesse pelo correio. Pobre pequena! Responder o quê?

Para responder aos primeiros perdia noites lendo livros sobre o Brasil e a entrevistar quem voltava do Brasil. Vive-se bem por lá? Passa-se mal? Perguntava eu. As respostas eram quase sempre diametralmente opostas. "O Brasil, — dizia quem voltava mais infeliz que antes, — é um país bárbaro, onde se morre de febre amarela, de fome, de trabalho ou de assassinato, a não ser que se fuja a tempo". "O Brasil é um país esplêndido, — diziam outros cheios de dinheiro, — rico, sadio, onde ninguém, que queira trabalhar, morre de fome. Quem disser o contrário, calunía".

A quem pois me dirigiria para contentar a menina e aos outros milhares de consulentes?.....

Dois foram, portanto, os motivos que me levaram a empreender minhas viagens: conhecer de perto e dar a conhecer a meus protegidos o Brasil, e verificar como se pode proteger a nossa imigração, tanto do lado moral e religioso, como do ponto de vista material.

A primeira viagem, de 12 de abril a 28 de agosto de 1896, limitou-se aos centros agrícolas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e de um trecho de Goiás.

A segunda, de 18 de maio a 12 de dezembro de 1897, estendeu-se a todos os Estados do Brasil, além das capitais do Uruguai e da Argentina.

Pois bem: assim se encontram os nossos lá.

A resposta é o objetivo de minha narração. Ser-me-á menos difícil responder depois de um rápido exame do ambiente, no qual, nos dois últimos decênios, um milhão e meio dos nossos infelizes irmãos, empurrados pela fome, se precipitaram como as águas da torrente, em busca de trabalho e de pão, que a pátria-mãe não soube, não sabe e não pode dar".

(continua no próximo número)

A GREVE DE 1933: a industrialização, a participação dos políticos e o movimento sindical, em Brusque.

Aloisius Carlos Lauth

O SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE BRUSQUE comemora 50 anos de atividade sindicalista e, praticamente, desconhece as origens pelas quais se erigiu. Eis a razão deste artigo: soerguer alguns fatos significativos para a instituição, que, casualmente, coincidem com o III ENCLAT e a reorganização operária no Brasil.

1.0 — Conjuntura Sócio-econômica

Na última década do século anterior, começou o processo de industrialização no Itajaí-mirim. A indústria nasceu com base têxteis, utilizando-se das fibras de algodão, porquanto as experiências com fibras do bicho da seda (1) requeriam maior atenção e melhor equipamento. De outro lado, os primeiros técnicos tinham conhecimento especial no algodão. O número de recursos humanos aí empregado é relativamente grande, como é a própria tecelagem. As fábricas surgiram quando ainda a agricultura representava 90% da produção da localidade, por volta de 1905. Mas será colocada em plano inferior pela relevância dos salários, tendo-se em vista que os salários por "**trabalhos de estrada**", como havia na Colônia, já estavam escassos e não absorviam os recursos humanos disponíveis. Assim é que os teares substituíram a "estrada" e o seu incremento produtivo, a partir de 1908, resultou na expulsão de toda perspectiva agrícola da região. A lavoura entrou em **deca-dência**, paulatinamente, até 1930, quando tornou-se meramente de **subsistên-cia familiar**. Deu-se não em razão de sementes, solo e equipagem (os recursos são multiplicativos, a intenção é única), senão pela atração das fábricas sobre a mão de obra ociosa dos que dispunham de terra tanto quanto os demais.

Este operário da indústria têxtil levava, paralelamente, uma vida rural, na qual residia a origem da família. Da lavoura, a família retirava sua subsistência alimentar, buscando uma margem de produtos que pudessem ser comercializados e assim adquirir conforto. Pelo menos a educação dos filhos. A educação limitava-se a escolaridade da região. Geralmente, as moças estudavam mais que os rapazes, os quais acompanhavam os pais na lavoura (2). Havia, como ainda há, a conjugação dos trabalhos da lavoura com os da fábrica. Este revezamento penoso conduzia a família a uma situação permanente de atividade, sem tempo para o lazer, mesmo ócio o ou a cultura. Isto justifica o alto índice de alfabetização (3) e a depauperização cultural desta sociedade! Explico: o índice de escolaridade não foi capaz de gerar uma leva significativa de poetas, artistas, pensadores e até políticos do bem comum.

Observe, no quadro abaixo, que o n.º de empregados em 1915 é de 290. Representa um crescimento médio anual de 13% até então, quando ainda a indústria absorvia apenas 20% da população ativa do Itajaí-mirim. O salário médio diário está em Rs 2\$170, altamente significativo para uma população carente e, pessoalmente, diria pobre (4).

- (1) Colonização Italiana no Vale Itajaí-mirim p. 56.
- (2) Cf. "O Feliciano Pires em 1920" RVS n.º 16/1980
- (3) Em Brusque, em torno de 30%.
- (4) Um estudo de um grupo de cidadãos revela que, em 1896, 72% percebia renda anual menor que 500\$000; 10% entre 501-750\$; 13% entre 751-1:000\$ e 5% acima deste valor até 3:000\$. A amostra atingia 156 pessoas.

Mão de Obra nos Estabelecimentos Industriais

BRUSQUE - 1915

N.º	RAZÃO SOCIAL	PROPRIETÁRIO	N.º EMPREGAD.	SALÁRIOS	
				Homem	Mulher
1.	Fáb. de Fiação e Tecidos	Carlos Renaux	150	Rs 3\$000 dia	2\$000 dia
2.	Fáb. de Tecidos de Malhas (Tricotagem)	Rodolf Tietzmann	66	Média 2\$000	idem/dia
3.	Fáb. de Cortinas e Acabamento	E. von Buetner	70	Média 1\$500	idem/dia
4.	Usina de Eletricidade	João Bauer	04	4 e 5\$000 dia	—
			290	Média 2\$170 Rs.	

A lavoura, continuando, exigia esforço braçal, poucas vezes auxiliado por animais, e atenção constante. Na fábrica, o esforço aliava-se ao engenho do tear, para o qual era preciso destreza. Um Jacquard era todo manual e sua operacionalidade exigia um auxiliar. O pano era garbosamente levado a mercado e, quando exposto, cobria-se de aplausos pelas características e qualidade (5).

Um reforço desta proletarização da população ativa na região foi o surgimento da eletrificação, aliás, um assunto pouco estudado. A eletrificação, por meios mecânicos começou (6) com 6 lâmpadas tipo Jablochkov na Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1879. Praticamente, junto com o início das fábricas no Itajaí-mirim. Significou a possibilidade de lucros nas atividades maquinofatureiras desta leva de imigrante artesão. Observe, no quadro, como a eletricidade térmica e hidráulica transformou a sociedade capitalista no período de 1920-30.

No.	FAZENDO SOCIAL	SALÁRIOS	
		Homem	Mulher
1	Fáb. de Fiação e Tecelagem	R\$ 32000 dia	R\$ 22000 dia
2	Fáb. de Tecidos de Malha (Arrozetagem)	Media R\$2000	idem/dia
3	Fáb. de Cortinas e Acabamento	Media R\$2500	idem/dia
4	Usina de Eletricidade	R\$ 28000 dia	—
		Media R\$1500 dia	

QUADRO 2 — RESUMO HISTÓRICO DA INDÚSTRIA DE ELETRICIDADE NO BRASIL

	1883	1889	1900	1910	1920	1930	1940	1950
Localidades servidas	1	3	17	119	431	1 536	2 205	3 792
Empresas fornecedoras	1	3	11	88	306	1 009	1 617	1 763
Número de usinas:								
Termelétricas	1	2	6	28	134	492	914	987
Hidrelétricas	—	1	5	60	204	708	983	1 089
Mistas	—	—	—	—	5	11	17	16
T o t a l	1	3	11	88	343	1 211	1 914	2 092
Capacidade instalada em kw								
Usinas termelétricas	52	3 143	6 585	21 996	77 825	148 752	234 531	346 830
Usinas hidrelétricas	—	1 476	5 500	137 864	279 378	630 050	1 009 346	1 536 177
T o t a l	52	4 619	12 085	159 860	357 203	778 802	1 243 877	1 883 007
Razão de crescimento								
Média cumulativa anual		29,5%	8,4%	7,8%	4,9%	4,2%	2,5%	

FONTE: Sinópsse Histórica da Energia Elétrica no Brasil

(5) Os cortinados de Buettner enfeitavam Palácio de Governos.

(6) Sinópsse histórica da energia elétrica no Brasil, p. 6.

Um reflexo, em menor escala, ocorreu em Brusque. Em 1908, surgiu em Blumenau e Joinville a eletricidade. Quatro anos depois, João Bauer estudou a possibilidade hidráulica de uma queda d'água no Ribeirão Guabiruba. Bauer iniciou a obra apoiada por Carlos Renaux e da preocupação de Eduard von Buettner de que este pudesse vender a concessão ao grupo blumenauense do Busch. A fábrica justificou o empreendimento, apesar da suposta periculosidade quanto a curto-circuito e ao desemprego em massa. A mecanização no processo fabril geraria investimento próprio, com retorno garantido diante das possibilidades de mercado. Em outras palavras, maior o número de empregos diretos. Foi o que ocorreu.

2.0 — A atuação dos partidos políticos locais

O brusquense reagiu pacificamente a vitória de Júlio Prestes, em 1930. E quando das notícias da revolução, famílias refugiaram-se em Azambuja, Cedro e Porto Franco, temerosas de desgraça. Em outubro, chegaram os soldados do 23.º BC e Augusto Bauer entregou, pacificamente, a Prefeitura Municipal no dia 13. A nomeação de Rodolfo Tietzmann para Prefeito Provisório consolidou, então, a ala dos adeptos da Aliança Liberal, da qual faziam parte nomes como: Paulo Kormann, Guilherme Niebuhr, Antônio Maluche, Guilherme Kormann, José Walendowsky, Guilherme Appel, entre outros. Estes liberais cerraram oposição à elite dominante, que era acumuladora de posses e títulos, derivados da comercialização local. Aqueles, formavam o pensamento republicano da época, conservadores perante os liberais. Não discutamos seus princípios democráticos. O maior veículo de suas idéias eram as próprias obras dos Superintendentes, na época, celebre disputa entre dois republicanos.

Na ala dos "coligados", como também eram chamados, figuravam Rodolfo Renaux Bauer, Fernando Boettger, Orlando Schaefer, Augusto Bauer, Arthur Gevaerd, Augusto Diegoli, Otto Renaux, Frederico Heil, Paulo Machado, Waldemar Moritz... Entre ambos havia uma rixa subjacente mas bem lúcida nas eleições. Os liberais, paulatinamente, tomavam espaço com elas. Os resultados de 3 de maio de 1933, foram a seu favor: Partido Liberal, 161 votos; Republicanos, 117; Legião, 63; Social, —.

Já as eleições de 12 de outubro de 1934 terão a força da reação republicana, como prova incontestada desta rivalidade: Coligados republicanos, 664 votos; Liberais, 638; Integralistas, 540.

O desgaste social criado e o assoreamento da crise a nível nacional abrirá espaço a atuação dos integralistas, como se percebe. Buscando nova ordem social, menos provocativa, mais corporativa, atingiu a massa operária e participará da vida sindical até 1937. Estamos no auge do Integralismo em Brusque. Um deles é Prefeito Municipal, Adolfo Walendowsky.

Euvaldo Schaefer, membro do Núcleo local definia assim suas posições:

“Companheiros! Empregados e Operários! O Integralismo não é um partido político. Não se reduz aos quadros de um simples movimento político. O Integralismo não anula o homem, fazendo-o desaparecer na massa, mas dignifica-o. Eleva o trabalhador, propiciando-lhe os meios de subsistência e conforto pela garantia do salário mínimo e do trabalho constante, pois que sem este, o trabalho, a vida social é impossível. O Integralismo é uma nova concepção do mundo! (7)”

As eleições municipais de março de 1936 revelaram a credibilidade do povo a este apelo e vislumbram uma perspectiva futura do que aconteceu na greve de 1952 (8). Os republicanos foram inferiorizados: Integralismo, 977 votos; Partido Liberal, 797; Partido Republicano, 137”.

(7) Jornal “O Progresso”, 30.08.1934

(8) Cf. “Conflito Industrial e popularismo em Brusque”, de Afonso Imhof, in BC n.º 3/1980.

Vemos, nesta chave política, a iniciativa dos liberais em participar das principais iniciativas sociais da ocasião, entre elas, o sindicalismo cuja bandeira será assumida, posteriormente, pelos Integralistas.

3.0 — Os acontecimentos de 1933

O operário aplaudiu as primeiras reformulações de Getúlio Vargas, virando queixume este júbilo com o decreto que estabelecia jornada diária de 8 horas de trabalho.

3.1 — O movimento de resistência

A nova legislação trabalhista visava corrigir distorções nos custos de matérias primas industriais, agravado com a “suposta superprodução” dos cotonifícios no país. E foi interpretado como redução dos salários, gerando boatos nos portões das fábricas. Muitos ganhavam por produção dos teares, outros tinham salário fixo mas trabalhavam até 10 horas diárias e assim teriam seus salários reduzidos em 20%. O movimento de resistência à vigência daquele decreto aconteceu no mês de abril.

A consciência deste pujilo de operários crescera da própria valorização da indústria, em detrimento da agricultura. Praticamente, o operário deveria suplementar seu orçamento com outras fontes de renda que não fosse a lavoura, já que esta estava dividida e não havia incentivos nem em termos de prática nem de mercado. Além do mais, a história em Brusque tomou o rumo errado não enveredando para a agro-indústria. O salário do empregado das fábricas foi o ponto crucial. Esta discrepância entre salários e a nova legislação rompeu o ideal de trabalhador e desestabilizou a ordem psicológica. Estamos tratando aqui de um grupo diminuto comparado com o que ocorreu na América e na Europa. Mas não nos iludamos porque os mentores intelectuais das resistências encontram-se nos políticos liberais de que tudo participavam, da fábrica e do clube, da igreja e da venda.

3.2 — A Liga Operária Brusquense

Militantes liberais, participantes da Diretoria social do Clube Pomerânia, junto a uma das fábricas, organizou o 1.º Baile Operário para comemorar o Dia do Trabalho, em 1933. Durante sua realização, o pessoal discorreu a situação da classe surgindo a idéia de se constituir a "**Liga Operária Brusquense**". A idéia foi tão bem aceita que todos resolveram fazer uma passeata matinal no centro da cidade, debaixo de chuva.

3.3 — A Greve de 1933

Mesmo sem forma jurídica, a Liga Operária Brusquense fortaleceu o movimento de resistência à legislação e agora iniciava a morosidade no trabalho. Os diálogos com os patrões, um deles, ocorreu no mesmo Clube, reunindo cem operários. Um dos industriais, foi-lhes ao encontro "com intuito de ouvir as aspirações da classe dos empregados, a fim de harmonizar os espíritos dos cooperadores" (9). Mas todos estavam de ânimo exaltado e suas palavras foram mal interpretadas. O pessoal saiu com a impressão de tê-lo ouvido dizer "quem não tiver farinha para comer, que coma massa", como resposta às dificuldades de subsistência. Isto engrossou as fileiras favoráveis a greve pacífica.

3.4 — A Associação Sindical

Prestes a romper a greve, 6 de maio, cinqüenta operários se reuniram para criar o **Sindicato dos Operários**. Presididos por Elpídio Cruz, auxiliar de mestre, e de acordo com o Decreto n.º 19.770, de 19 de março de 1931, aprovaram a associação sindical, já com nome Sindicato dos Operários, período este que se prolongaria até o reconhecimento pelo Ministério do Trabalho.

(9) Jornal "O Progresso" — Brusque 30.08 e 06.09.34

A assembléia fora estudada dias antes e preparada sua base legal. Os estatutos foram redigidos com o apoio de mentores liberais. A redação supõe a pena de um advogado, tamanhc é o estilo e a abrangência dos artigos. Publicados no jornal local (10), definia os fins:

- a) reunir todos aqueles que exercem sua atividade na profissão de operário em fábrica de tecidos;
- b) promover pelos meios em seu alcance a melhoria das condições de trabalho, pleiteando e defendendo os interesses da classe junto ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio;
- c) amparar individualmente os associados nas questões em que forem interessados, relativas ao trabalho, auxiliando-os e prestando-lhes, quando necessário, assistência jurídica.

Mais adiante, esclarece que a medida do possível, o Sindicato organizará:

- a) assistência aos desempregados compreendendo uma Agência de colocação;
- b) assistência judiciária;
- c) assistência médica, hospitalar e dentária;
- d) assistência das famílias dos associados falecidos;
- e) cursos de instrução primária e profissional.

Excluiu-se a intenção de rixa direta com patrões. Os objetivos são claros e específicos, não delimitando a ação quando fala das melhorias das condições de trabalho, tais como: a subserviência, o trabalho braçal, a insalubridade, a assistência a enfermidade... E exprime a insegurança do momento quando propõe a Agência de Colocação. O estilo humanista direciona a atividade sindical para o saneamento das carências da coletividade.

3.5 — A Carta Sindical

(10) Jornal "O Rebate" — 15.09.1933

O Min. do Trabalho assinou a Carta Sindical reconhecendo a entidade de classe. Foi um golpe, praticamente, às aspirações patronais. Até outubro de 1934 seriam reconhecidos 15 sindicatos catarinenses dos quais 3 de tecelões.

"O Ministro do Estado dos Negócios do Trabalho, Indústria e Comércio, em nome do Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil:

Faz saber a quantos esta Carta virem que, atendendo ao que requereu o **SYNDICATO DOS OPERÁRIOS EM FIAÇÃO E TECELAGEM**, com sede em Brusque, Estado de Santa Catarina, resolve aprovar os respectivos estatutos e reconhecê-lo como sindicato profissional, nos termos do art. 2.º do Decreto n.º 19770, de 19 de março de 1931.

E, para firmeza de tudo, mandou passar a presente Carta que vai por ele assinada".

Rio de Janeiro, 22 de junho de 1933

(ass.) Joaquim Pedro Salgado Filho

Os efeitos desta ação normativa seriam relevantes para a classe e para a política municipal.

4.0 — A reação dos industriais

Lentamente o equilíbrio entre patrões e operários aparecerá e melhor o relacionamento. Até 1937, os Sindicatos operários somavam 695 contra 538 patronais, motivando o Min. Agamenon Magalhães incentivar a criação de Sindicatos Patronais no país. A iniciativa coube ao Dr. Victor Konder, em 1937.

Bibliografia

1. SAVELLI, Mário. **Sinopse histórica da energia elétrica no Brasil**, Rev. Mundo Elétrico n.º 207 A (dez). São Paulo, 1976.
2. **A vida de um Sindicato**. Tip. Leão Dehon, Brusque, 1960.
3. SANTOS, Roselys I.C. **Colonização Italiana no Vale do Itajaí-mirim**. Fpolis, Edeme, 1981.
4. **Jornal "O Progresso"** — Brusque, 1933.
5. **Jornal "O Rebate"** — Brusque, 1934.
6. Documentos originais do Sindicato.

UMA EXCURSÃO PELO INTERIOR DE BRUSQUE

O meu serviço levou-me nos últimos dias a uma zona do Distrito, não muito longe da nossa Vila, mas pouco conhecida, pois não é cortada por uma via da nossa rede vicinal e fica situada num canto esquecido. Percorri os extremos do nosso Município, entrando nas vizinhanças de Tijucas e Camboriú.

Conforme o carácter geralmente montanhoso da nossa região, o excursionista encontra aqui também um sistema de serras, contrafortes e espigões.

Essas serras serviram no tempo da demarcação dos Municípios para fixar as divisas destes distritos administrativos do Estado. A parte cujas águas são tributárias do Itajaí Mirim, pertence a Brusque; onde as águas correm para suéste é Tijucas e o nordeste pertence a Camboriú.

Das águas que despejam no nosso rio, quero mencionar somente duas: o ribeirão Pomerânia e o Águas Claras.

O primeiro, que tem um curso de poucos quilômetros, nasce nos morros do Poço Fundo, da Bohemia e na lombada da linha Pomerânia, a qual não possui encantos de paisagem, mas é notável por uma indústria que ali prospera. Cercado seu leito por um dique, o ribeirão Pomerânia forma uma extensa lagoa que fornece a força motriz para uma fábrica de tecidos.

Não me detenho em descrever esse estabelecimento, mas convido o leitor a acompanhar-me n'uma excursão e tenho a convicção de que há de encontrar alguma cousa nova e interessante.

Ví aí o Sr. Rieger a tratar de uma plantação de cânhamo brasileiro. Em geral esta planta têxtil, cujas folhas tem muita parecença com as da mandioca, acha-se bem desenvolvida, pois reparei que os seus troncos estão se cobrindo de uma espécie de pequenas raízes muito finas, o que, como sabem os entendidos, é sinal de franco crescimento. Observei ainda nas culturas do Sr. José Rudolfo que este cânhamo resiste muito aos ataques das formigas, a que está bastante sujeito, e bem assim às mudanças, tendo eu a ocasião de ver que diversos pés, arrancados por engano na capinação, e replantados, pegaram imediatamente, sem ficarem muito prejudicados em seu desenvolvimento. A experiência feita pelo Sr. Rieger de semear o cânhamo na cápsula não provou bem, por atrasar o seu crescimento pelo menos em um mês.

Outra cousa que aí nos chamou a atenção foi um touro, quase puro sangue, do município Allgau, nos Alpes da Bavária.

Os chifres curtos, a nuca curta e forte, o peito largo e a cernelha bem proporcional, provam a sua raça. Esta raça Allgau, que tem sua origem no *Bos-brachyceros*, produz, relativamente ao seu peso, muito leite. Na Bavária, uma vaca Allgau tem um peso médio de 400 a 450 quilos e a produção de leite é de 1900 a 2500 litros por ano. Como animal carreiro e para o talho, essa raça não é das melhores mas adapta-se facilmente a qualquer pastagem sem degenerar.

O sangue da raça holandesa conhece-se somente por uma lista clara no pelo castanho acompanhando o dorso e por um pelo bastante crescido dentro das orelhas. Esta raça que tem por tronco o *Bos-primigenius* é, pela abundância de leite, a que mais convém. A sua produção média de leite pode ser calculada em 2.850 litros anuais e vacas há que chegam a dar mais de 4000 litros; sendo de notar, porém, que, contendo o seu leite menor porção de matéria graxa do que o da raça Allgau, presta-se ele menos a fabricação de manteiga.

Encontra-se também, aí nos terrenos da fábrica, uma apreciável criação de abelhas, pertencente ao Sr. von Czekus, que faz a cultura segundo o sistema seguido na sua velha pátria, a Hungria, onde ela está bastante desenvolvida. O Sr. von Czekus tem uma produção média de mel de 1.500 quilos e toda a cera colhida no seu abelheiro é consumida pela fábrica na preparação de tecidos. Quem quizer conhecer um estabelecimento modelo de apicultura, deve fazer uma visita ao Sr. von Czekus, a qual certamente muito lhe aproveitará.

Para aqueles que se interessam pela agronomia, julgo não haver neste lugar cousa que possa atraí-los mais do que o laboratório químico representado pelas caldeiras da fábrica. O resultado da análise sobre a composição química desta região é desolador, mas é verdadeiro. Ficou provada a falta absoluta de cal que é a condição principal para a fertilidade do solo. Dizem-me que, em outros lugares, o industrial tem que limpar, anualmente as caldeiras, de uma espécie de pedra calcárea, conhecida por "pedra de caldeira", formada pelos depósitos que aí deixam as águas. Aqui na fábrica do Sr. Renaux, que está funcionando a mais de 10 anos, ainda não houve necessidade de se proceder a tal operação, tendo-se, as vezes, de limpar as caldeiras apenas de uma lama fina. Está aí uma análise quase que feita pela própria natureza e certamente fiel e de mais valor do que, por exemplo, o parecer dos célebres químicos do Laboratório do Rio de Janeiro, na questão das cerjeas condenadas. Esta pobreza do solo também foi o motivo porque os primeiros moradores da Pomerânia, quase todos, abandonaram os seus lotes. Nos últimos anos, porém, depois de se ter estabelecido aqui a fábrica, que dá trabalho a mais de 100 pessoas, povoou-se de novo esta linha da nossa colônia.

Logo adiante da fábrica, nos fins da lagoa a que já me referi, observa-se que a terra já é outra, tornando-se arenosa, e desaparecendo o barro vermelho. A cor clara da terra prova a ausência de ferro cuja decomposição, onde ele existe, dá a mesma diversas cores.

Aí já se encontra o granito, indícios da nossa Serra do Mar.

O granito desta zona é bem diferente do de outros lugares. Predomina na sua composição o feldspato e aparecem, em pequena proporção, o muscovito e a biotito. Esta qualidade de granito, que se encontra em uma vasta zona, pois até nas serras do Pinheiral vêem-se rochas gigantescas dele, é muito mais utilizável do que o de granulação fina e agora sei donde vem a caolina, de que achei inúmeros depósitos na baía de Florianópolis.

A correnteza do mar levou-a consigo, depositando-a nas baixadas perto da costa. Tendo-se levantado a nossa costa 25 centímetros em 400 anos, começa agora aparecer lá a terra porcelana que, segundo tive ocasião de verificar, é um material excelente. O Sr. Dr. Fausto de Souza está aproveitando a lama escavada dos baixos da baía, material pardo e menos limpo do que a minha caolina, para a fabricação de tijolos "chamote" e tem obtido resultados satisfatórios.

Águas Claras forma também um ribeirão de pequeno percurso. Nascendo nos morros da Nova Itália deságua no nosso rio, 6 quilômetros acima da vila de Brusque. Numa picada que tem o mesmo nome de Águas Claras, o Sr. Rieger possui, em terras do Sr. José Rudolf, a mais extensa plantação de cânhamo do nosso Município, 6.500 metros quadrados.

As cabeceiras desse ribeirão são muito pitorescas. Há uma série de saltos, formando quase uma única cachoeira, e assim vai até o cume, cuja altura calculo em 400 metros. O caminho que leva às suas nascentes é péssimo, mas vale a pena aventurar-se a excursão, pois goza-se de lá um magnífico panorama. Para o lado de trás, avistam-se, no éter azul, perdidas no horizonte, as cordilheiras das Águas Negras, Porto Franco e Ribeirão do Ouro cujos mais elevados cumes são o Barão e o Morro do Lima. Em frente, na raiz do morro, estende-se a várzea do arroio do Moura, cercada pelas montanhas do Perdão, do Gavião e de outros cujos nomes ignoro. E muito longe aparece o mar. Involuntariamente, repeti as palavras de Xenofonte: "Tallata! Tallata!".

Daqui passa-se para território tijuquense. A descida é melhor do que a subida, pois o caminho está bem conservado. Chegando ao vale do Moura, tive uma impressão magnífica. Achei-me, de um momento para outro, no Brasil e entre brasileiros, pois neste bom retiro conservou-se intacto o encanto patriarcal do sítio. Ainda não entraram aí com a imigração, outros costumes.

Um passeio de duas horas mais ou menos levou-nos as matas ainda virgens do Gavião. Logo se nota que a terra é melhor do que a da região que acabamos de atravessar. Há grande abundância de madeiras e causa pesar que tão extensos terrenos permaneçam na mão de um só proprietário dificultando-se assim o povoamento.

A flora oferece algumas espécies interessantes. Assim encontrei uma Bromeliacea cuja flôr tem a forma de uma crista de galo; uma Begônia trepadeira e diversas criptógamos, para mim desconhecidas.

Informaram-me existir nessas matas ainda alguma caça.

Efetivamente, matei um gavião-macaco (*Thrasacts destructor*) a maior ave de rapina do Brasil e uma coruja (*Strixflamca*). Um gambá, que cursou o meu caminho, perdoei por não ser apreciador de tal prato.

Acaba aí o caminho transitado por carro de bois e quem não quiser voltar por onde veio, tem que desmontar e puxar o animal por uma vereda de cadoros. Assim o fiz, e depois de uma hora cheguei a estrada de rodagem que liga Camboriú com Brusque pela picada da Limeira. É uma estrada larga e geralmente bem conservada.

O bom aspecto das moradias, as culturas florescentes e extensas, são testemunho de que ali vive um povo dedicado ao trabalho e a luta honesta pela vida. Dos negociantes que há nesta estrada, os mais importantes são os Srs. Gottlieb Becker e Germano Benvenuti. Alguns engenhos de serrar que recebem a força motriz de águas represadas do Ribeirão Limeira formam com suas lagoas artificiais, a mais atraente paisagem.

Daí, atravessando um pequeno atalho, chega-se a picada do Poço Fundo. É um núcleo exclusivamente italiano, situado no fundo de um vale estreito e cercado de morros íngremes. Por uma picada viemos dar nos fundos da lagoa da fábrica de tecidos, que tinha sido o ponto de partida desta excursão.

Era de grande necessidade transformar esta última picada em uma estrada de rodagem, com o que também se abreviaria a distância, em cerca de 5 quilômetros, e muito ganhariam os moradores da Limeira e do Poço Fundo. (MAX J. SCHUMANN, Chefe do Commissariado de Terras do 2.º Distrito de Brusque. FONTE: Jornal "Novidades" — Itajaí, 12.01.1908)

BRUSQUE NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

ARTES LIBERAIS: Medalha de prata: Max J. Schumann e Georg Boettger.
FARINHAS E FÉCULAS: Medalha de prata: Guilherme Krieger Júnior e Germano Benvenuti. Medalha de bronze: João Pühler e Vendelino Boiting.
CONSERVAS: Medalha de bronze: João Schaefer.
BEBIDAS ALCOOLICAS: Medalha de bronze: Jacob Knih, Georg Boettger, André Wippel e Max Heinig.
QUEIJO E MANTEIGA: Medalha de prata: João Kormann.
CAL, CIMENTO, ETC.: Grande prêmio: Carlos Renaux.
FIOS E TECIDOS DE ALGODÃO: Medalha de ouro: Carlos Renaux.
Medalha de bronze: Rodolfo Tietzmann.
RENDAS, BORDADOS E APLICAÇÕES EM FILÓ: Grande prêmio: E. von Buettner & Cia.
FERRAMENTAS: Medalha de bronze: Antônio Mohr Júnior.
PRODUTOS FABRIS NÃO ESPECIFICADOS: Medalha de ouro: Max J. Schumann.
Medalha de prata: Edgar von Buettner.
Medalha de bronze: Felipe Wippel e Luiz Boos Sobrinho.
COLEÇÕES MINERALÓGICAS E CIENTÍFICAS: Medalha de prata: Max J. Schumann.
SUBSTÂNCIAS TANÍFERAS: Medalha de prata: Georg Boettger.
FIBRAS E CASCAS INDUSTRIAIS: Medalha de ouro: Hermann Riege.
Medalha de bronze: Georg Boettger.
ÓLEOS, CÉRAS E RESINAS: Medalha de bronze: Max Jönck.
MADEIRAS: Medalha de prata: Georg Boettger e Joaquim E. Regis.
Medalha de bronze: Felício Avanci.
PLANTAS MEDICINAIS: Medalha de prata: Georg Boettger.
PRODUTOS DE CAÇA E PESCA: Grande prêmio: Max J. Schumann.
PRODUTOS AGRÍCOLAS: Medalhas de ouro: Edgar von Buettner, Guilherme Krieger, Germano Benvenuti, Antonio Dürchnabel, João Boos e João Kormann.
Medalha de prata: Luiz de Marchi.
Medalha de bronze: Max Jönck.

(Jornal NOVIDADES, Itajaí 17.01.1909).

TIO MANOEL (NOVIDADES, 20.11.1910)

Quarta feira última, veio surpreender-nos com sua visita um velho africano, morador no lugar Barracão e que ali é conhecido pelo nome de "Tio Manoel".

Tio Manoel é um dos raros representantes dessa "infeliz" raça que a desmedida ambição e o orgulho dos brancos condenou aos rudes trabalhos do cativo infamante.

Contou-nos a sua dolorosa história, que é toda uma odisséia de sofrimentos, uma via-sacra de dores e privações. Natural de Moçambique, foi ali violentamente preso por escravagistas que o transportaram, com mais outros companheiros de infortúnio, a Bahia, onde foi vendido em leilão, como qualquer mercadoria depreciada.

Depois, veio para o Rio de Janeiro, sendo ali adquirido por um fazendeiro daqui, que o trouxe a este lugar, empregando-o no amanho da terra. Sofreu toda sorte de tormentos, todas as cruezas de que eram teatro as senzalas infectas e imundas. Meses antes da Lei que declarou livre o elemento servil, Tio Manoel havia conquistado a sua alforria, mediante o pagamento de 750 mil réis. Achava-se então na cidade de Laguna, em nosso Estado.

Transferiu residência, em seguida, para o município de Brusque onde passou a morar no lugar Barracão.

Tio Manoel já dobrou há muito o cabo dos "cem anos", conservando porém, relativa robustez física e a memória extremamente lúcida, relatando com grande precisão e clareza, mínimos detalhes de sua vida acidentada.

(NOVIDADES, 5-2-1911)

Tio Manoel, o velho africano de cuja vida demos conta em edição anterior, acaba de falecer no lugar Barracão, no município de Brusque. Tio Manoel, um macróbio vergado pela idade e pelos dissabores que lhe atormentaram a existência, era, nesta zona, um dos últimos, talvez o último, representante dos escravos diretamente importados da África.

Sua vida, desde que deixou a terra natal, foi um contínuo sofrer, uma seqüência de torturas, que se passaram entre as paredes esburacadas das sórdidas senzalas, verdadeiros matadouros de cativos.

Desse torturado viver, odisséia de dores e desgraças, conservava, Tio Manoel, a recordação indelevelmente em seu corpo onde o ferrete e a chibata tinham deixado traços que o tempo não apagou.

Liberto, veio o desditoso africano fixar residência em Barracão, onde se casou com uma italiana muito mais moça do que ele. Ali, gozando as doçuras de uma liberdade que só no declínio da vida viera a conquistar, vivia o velho preto a trabalhar, de quando em vez, no amanho de uma pequena lavoura que, a custo, dava para garantir-lhe o sustento da família. Mas, Tio Manoel, acostumado ao suplício da fome, suportava tudo com ânimo e sacrifício.

Ultimamente dera para conselheiro político. Contava histórias do regime monárquico e procurava aplicá-las ao nosso tempo. E, invariavelmente, concluía por este sentencioso dito: "Nhô moço, nunca vá contra o governo". Parecia até um desses empaturrados chefes de aldeia a proferir a sacramental frase, dístico e lema da política entre nós em vigor: "Governo é Governo e eu estou sempre com quem está de cima".

E, apesar dessa sua propensão para Conselheiro e político, Tio Manoel nem ao menos chegou a ser Inspetor de Quarteirão. É que, talvez sendo analfabeto, tivesse sentido escrúpulo em aproveitar-se das facilidades na nova Lei para conquistar um título de eleitor. Do contrário, morreria, sem dúvida, guiando alguma Superintendência, "mandando" chuva em seu município.

A ENCHENTE DE 1911 EM BRUSQUE

Sobre os danos causados pela cheia do Itajaí Mirim no município de Brusque, tínhamos até agora, notícias muito inseguras e escassas, pelo que resolvemos pedir minuciosas informações ao nosso ativo correspondente d'ali, colhendo assim os dados que se seguem.

Depois da grande enchente de 1880, foi a de outubro a mais violenta que houve em Brusque, faltando apenas 1 metro e pouco para que as águas ali chegassem a altura de 1880, pondo em sério perigo as duas grandes e custosas pontes que existem à entrada da vila. Na ponte Cel. Vidal Ramos o rio chegou a altura do estrado, conservando-se na ponte Cel. Pereira e Oliveira um metro abaixo do respectivo assoalho.

A rua principal da vila, desde a ponte até a casa de negócio do Sr. E. von Buettner & Cia. ficou avassalada pelas águas, assim como a rua das Carreiras, inundando várias casas de moradia, cujos moradores se viram forçados a sair. Assim, entre outras, esteve inundada a casa em que reside o sr. Dr. Bento Portella, digno Juiz de Direito da Comarca, que se mudou com toda sua família para o Hotel Schaefer, onde permanece, por estar ainda a casa de sua residência úmida e inabitável.

Os prejuízos mais avultados, porém, se vieram a dar na viação pública, sofrendo várias estradas danos sensíveis. Dentre estas, é de se notar a que leva ao povoado de Porto Franco numa extensão de mais de trinta quilômetros. Esta estrada, que já não era uma obra de modelo, ficou inteiramente arruinada com as recentes chuvas, sendo os moradores dali obrigados a fazer o transporte de gêneros de sua lavoura em cargueiros, à moda da serra, onde não existem vias carroçáveis, fato que não se observa desde muito tempo. A estrada da Guabiruba acusa também grandes estragos, demandando urgentes e sérios reparos.

Para o interior do município, rio acima, foram avultados os prejuízos sofridos pela lavoura deitada nos terrenos ribeirinhos. Embora não fossem tão abundantes, como em 1880, as chuvas caídas nas cabeceiras do Itajaí, o rio transbordou, alagando as margens e inutilizando toda a lavoura. Estávamos, justamente, na época do plantio do milho e do feijão, principais culturas dos núcleos italianos localizados nos terrenos ribeirinhos do Mirim. Todas essas plantações, as enxurradas as destruíram por completo, levando ao desespero e à ruína a mais de um lar e desferindo um profundo golpe na economia do município de Brusque.

Como se vê, não foram tão diminutos, como se supunha, os prejuízos sofridos pelo vizinho município com a recente inundação. Sendo assim, é também justo que o Governo o auxilie, ao menos ajudando a municipalidade a fazer a reconstrução das estradas danificadas pelo temporal.

NOVIDADES, 22-10-1911)

BRUSQUE, PITORESCA BRUSQUE — 1912

Há três meses que residimos nessa aprazível Vila. Aquí tivemos a sorte para recuperar-mos nossa saúde, alterada por antiga enfermidade, conforme fomos aconselhados por amigos nossos.

População laboriosa, hospitaleira e amável, transita, movimenta-se em toda vila e seus arredores. Todos trabalham; homens, mulheres, moças, rapazes, vivem alegres, descuidados em seus labores. Não há vadios, nem desordeiros, nem gatunos. Durante os dias da semana cada qual se ocupa nas suas lides quotidianas; à noite, ceia e cama; não há farras, nem serenatas, nem folgas, nem algazarras, dorme-se sem receio de visitas noturnas. As casas na sua maioria são somente guarnecidas por vidraças e cortinas.

Boas casas de negócio, bons hotéis, açougue aseado, padarias, farmácias, ferrarias, funilarias, sapatarias, marcinarias, barbearias, relojoaria, cinema, fábricas de tecidos, de cortinados, tudo correto, limpo. Escolas públicas e particulares, ótimas. Hospital de caridade. Magnífico estabelecimento devido aos esforços e abnegação do dedicado, do infatigável apóstolo do Bem, padre Gabriel Lux e das caridosas Irmãs da Divina Providência, cujo zelo e carinho para com os que sofrem é tradicional em seus bem formados corações.

Para outra ocasião, reservo-me tratar mais suscintamente, não só deste estabelecimento de caridade e de amor aos pobres doentes, como também das fábricas de fiação, cortinas e meias; das Igrejas, suas festas religiosas; governo municipal, repartições públicas, dos homens influentes no progresso do município, indústrias, etc.

— Clube "4 de Agosto", recente órgão de diversões familiares, fundado por iniciativa do simpático cavalheiro Bernardino Gevaerd, cujo baile inaugural se efetuará a 4 do próximo mês.

— Clube dos Cantores, e Clube dos Atiradores com edifício próprio; associações musicais com duas afinadas orquestras, uma com instrumentos de cordas e outra de instrumentos de metal.

— Por intermédio e iniciativa do ilustre magistrado Dr. Bento Portela prepara-se uma festa escolar para o dia 7 de setembro.

— Durante o mês findo, tivemos duas vezes, entre nós, em visita às escolas, o digno e ilustre Dr. Victor Konder, inspetor escolar. S. Sa. nas visitas que fez as escolas públicas argüiu a diversos alunos e alunas, dando aos professores notas do novo método de ensino, deixando nos respectivos livros de visita honrosas referências aos professores João Duarte e D. Eduvirges Torres de Oliveira.

— As escolas têm também sido visitadas pelo digno Sr. João Schaefer, esforçado Chefe Escolar, dedicado amante da instrução, sempre pronto a atender qualquer falta reclamada a favor da boa marcha do ensino.

— Acha-se nesta vila em busca de melhoras para sua saúde, o ilustre escritor e jornalista, Sérgio Nabuco de Oliveira Paz, residente e natural de Florianópolis. S. Sa. está hospedado em casa do digno moço Octávio de Oliveira, ativo e inteligente coletor interino da Coletoria Estadual de Brusque.

— De Florianópolis, acha-se nesta vila, o Sr. Nabor Coelho de Almeida com sua exma. senhora. S. Sa. está no exercício do cargo de escrivão da Coletoria, ocupando a vaga do Sr. Octávio de Oliveira que foi nomeado para o cargo de coletor.

— À frente da Coletoria Federal, acha-se o Sr. Dorval Duarte da Luz, recentemente nomeado pelo governo para a vaga deixada por falecimento do Sr. Gonzaga, antigo coletor.

— Tem estado enfermo, o Sr. José Vicente Haendchem, Juiz Comissário de Brusque que, no gozo de licença, foi consultar a um facultativo em Blumenau.

— O ativo industrial Sr. Coronel Carlos Renaux acaba de conseguir encanar água para o provimento do chafariz público, situado em frente ao prédio da Intendência Municipal e para algumas casas particulares.

— Devido aos esforços do Sr. Coronel Guilherme Krieger, digno Superintendente Municipal, acham-se muito bem conservadas e melhoradas as estradas do município.

— Acha-se concluída a cobertura da ponte metálica "Coronel Vidal Ramos". Esse melhoramento foi mandado fazer pelo Governo do Estado.

— Vindo do Pinheiral esteve de passagem por esta Vila, para Itajaí, a Sra. Francisca Schneider, acompanhada de seu filho Edgar Schneider e de seu genro Firmo Linhares.

— O tempo aquí tem corrido magnífico; por isso, estamos gozando de uma temperatura agradável sem os rigores do inverno, apesar de o estarmos atravessando, concorrendo esta circunstância, para tornar o clima muito saudável na presente estação.

— Tem estado gravemente enferma, a senhora Bernardina, esposa do Sr. Francisco Teixeira, Guarda da Linha telegráfica desta Vila.

Do jornal "NOVIDADES" — Itajaí, 28.7.1912.

**DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO DE SCHNEÉBURG
REFERENTES A OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1864. (Respeitada a ortografia
original).**

Directoria da Colonia Brusque em 18 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

A inundaçãõ em 7 a 8 Setembro como já tive a honra de participar geralmente à Va. Exia. enlevou no interior da Colonia varias pontes e damnificou mais ou menos muitas outras de modo que prezisei collocar na ponte grande enlevada, sobre o Rio Guabiruba, provisoriamente uma canoa para o transito do mesmo Rio.

Para construir só esta ponte, que tem custado Rs. 230\$000 inclusive os atterros necessarios nas cabeceiras da mesma, e como posso ainda ajuntar alguns planchões e vigas, poderá custar mais ou menos Rs. 150\$000 e o concerto e reconstrução de diversas outras pontes maiores e menores a Rs. 500\$000 — que perfaz Rs. 650\$000 — total, de despezas causadas pela inundaçãõ no interior da Colonia para o que peço a V.ª Exia. de dignar-se a mandar pagar-me extraordinariamente para franquear a communicaçãõ interrompida no interior.

Quanto ao grande dano que a mesma inundaçãõ causou à Séde da Colonia, especificarei à V.ª Excia. immediatamente depois de meo regresso à Colonia, junto com um orçamento dos serviços indispensaveis para o concerto do damno causado e previsões, de minorar os prejuizos, que novos enchentes (sem estas previsões) causarião em escala muito maior, do que a passada, na Sede da Colonia.

Consta-me que durante a minha ausencia houve mais duas novas enchentes e resalvo-me de submetter conjuncto com o orçamento mencionado, o que tiverem feito estes posteriores transbordamentos, submettendo estes orçamentos a approvaçãõ e protecçãõ de V.ª Exia.

Deos Guarde a V.ª Exia.

Illm.º e Exm.º Snr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dgm.º Presidente da Provincia

Barão de Schneéburg — Director da Colonia

Directoria da Colonia Brusque em 21 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Em obediência ao despacho dado por V.ª Excia. em 19 do corrente mez no requerimento de Maximiano von Printz (que junto devolvo) em que este peticionario requer o pagamento das medições por elle feitas, tenho de appresentar à V.ª Ex.ª a informação seguinte:

Em Janeiro de 1863 durante a ultima ilícita, obstinada e demorada ausencia, que desrespeitando o meu voto positivo, e contra o artigo respectivo do contracto sancionado, se permittio em menos cabo o Agrimensor Germano Thieme, (como no seu requerimento junto Maximiano von Printz menciona) requeri immediatamente a desoneração do dito Agrimensor e sua demissão dos serviços coloniaes de agrimensor, a qual o Exm.º Snr. Presidente decretou nos primeiros dias de Março de 1863. Na mencionada ausencia do Agrimensor recebi uma ordem expressa do Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, de immediatamente mandar medir demarcar e entregar o lotte de terras nesta Colonia requerido pelo Doutor Guilherme Henrique Theodoro Schiefler, e para execução desta ordem vi-me obrigado de lançar mão aos prestimos de Maximiano von Printz, collaborador antigo nas medições e demarcações do 2.º território da Colonia feitas pelo Engenheiro Rivierre.

Maximiano von Printz medío e demarcou assim esse lotte do Doutor Schiefler e por incumbência urgente minha mais alguns limites em momentanea turbulenta duvida de alguns outros colonos confrontantes, reconhecidas por exactamente serem regulados pelas medições de von Printz, pelo Capitão de Engenheiro Sebastião de Souza e Mello, perfiz assim um serviço contado só pelo preço de braçagem accordado ao Agrimensor contrahido e ausente na importância de Rs. 403\$000 e tantos reis.

Maximiano von Printz foi neste mesmo entretempo admitido por despacho da Exma. Presidência da Provincia, como colono no nucleo da Colonia de baixo dos mesmos beneficios como os concedidos aos mais Colonos.

O regulamento em vigor prohiibe de abonar subsidios aquelles colonos que em qualquer outro serviço da Administração estiverem occupados e recebem por isto pagamento, razão porque não abonei nesta occasião a von Printz os subsidios de Rs. 30\$000 mensaes que alias lhe tocarião de direito.

Quando porem Maximiano von Printz não recebeu o pagamento de Rs. 430\$000 e tantos reis de serviços na realidade prestados nas mencionadas medições, abonei ao mesmo paulatinamente os subsidios por 6 mezes concedidos, na importancia total de Rs. \$ 180\$000.

É quanto tenho de levar ao conhecimento de V.^a Excia.

Deos Guarde à V.^a Excia.

Illm.^o e Exm.^o Snr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dm.^o Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia

Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque — Itajahy em 22 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Em cumprimento do officio de V.ª Excia. de 21 do corrente mez, devolvo junto o Requerimento do Doutor Henrique Theodoro Schiefler de 13 de Setembro proximo passado, e rubricado sob N.º 1106 de 1.º de Outubro de 1864 pela 3.ª Directoria dos negocios do Ministro de Agricultura Commercio e Obra Publica; e tenho a honra de informar como segue:

Que tudo quanto allega no presente requerimento o Doutor Schiefler, tem seu fundamento, e que não tenho nem existe o menor obstaculo a ser-lhe concedido o lotte que requer contiguo ao que o Peticionário já tem de posse.

Esse requerido novo lotte foi occupado pelo colono Emmendoerfer, que o abandonou e se estabeleceu em um outro.

Reconheço que: para que o Peticionario possa estabelecer convenientemente engenhos; é quasi indispensavel de ser-lhe concedido o pedido lote de Emmendoerfer, e por isto já de antemão eu o tinha reservado para esse fim sabendo já desde um anno pelo mesmo peticionario, que ia requerel-o.

Deos Guarde à V.ª Excia.

Illm.º e Exm.º Snr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dignissimo Presidente da Provincia de Santa Catharina.

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque-Itajahy em 22 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Accusando a recepção do Officio de V.ª Excia. de 21 do corrente mez e anno, com dous requerimentos do Dr. Guilherme Theodoro Schiefler de dato 13 de Setembro proximo passado, rubricados em 1.º de Outubro pela 3.ª Direi-toria dos Negocios do Ministerio d'Agricultura, Commercio e Obras Publicas sub N.º 1105 e 1106 em 1.º Outubro corrente.

Devolvo incluso um só dos dous requerimentos a saber: o sub Ru-brica 1106 com a informação exigida, e reserve-me a enviar com toda preste-za a informação ordenada sobre o outro requerimento sub N.º 1105 por não ter aqui os necessarios elementos para responder sufficientemente contra as allegações que faz o Requerente Dr. Schiefler no dito requerimento.

Deos Guarde à V.ª Excia.

Illm.º e Exm.º Snr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dgm.º Presidente da Provincia de St. Catharina.

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Illm.º e Exm.º Snr.

Não tendo o meu Procurador Julio M. de Trompowsky cobrado, ao tempo proprio, da Thzouraria de Fazenda d'esta Provincia os meus vencimentos de Rs. 200\$000 como Director da Colonia Brusque, relativos ao mez de Junho de 1863 e 1864, declarou o Snr. Inspector da dita Thzouraria, que de baixo desta circumstancia, só poderia agora mandar fazer esse pagamento à ordem sob responsabilidade de V.ª Excia.

Rogo por isto respeitosaente que V.ª Excia. Se Digne de assim o ordenar.

Deos Guarde à V.ª Excia.

Illm.º e Exm.º Snr. Dr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia Brusque

Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque, 20 de Novembro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Tenho respeitosamente de levar ao conhecimento de V.ª Excia., que durante a minha ultima ausencia da Colonia e estada na capital da Provincia aconteceu nesta Colonia o facto serio, que segue:

O Colono Antonio Boos teve uma desavença com seu cunhado o colono Carlos Erbrecht em casa do primeiro, que estava embriagado e tendo recebido no calor das palavras de Carlos Erbrecht uma bofetada na cara, Antonio Boos agarrou na espingarda, Carlos Erbrecht fugio e Antonio Boos atirou sobre o fugitivo, ferindo-o o chumbo na testa e em mais partes do corpo. Felizmente as feridas não forão graves.

O Inspector de quartirão, unica authoridade policial na colonia foi ao logar, accompanhado do escripturário desta colonia e à vista de testemunhas formou o corpo de delicto, para remettel-o à competente authoridade da villa.

Exm.º Snr., é mais uma prova da urgente necessidade da criação de um juizado de paz e de uma subdelegacia na colonia, aonde se perpreta muitos actos e brigas criminosas impunemente, que se tornão costume, por falta de Policia local e porque as respectivas partes não podem por falta de meios procurar authoridades longinqua em viagens e demoras muito dispendiosas.

Junto remetto à V.ª Excia. a descripção dos limites e da superficie da Colonia como me ordenou em Desterro, para o fim da criação das duas authoridades pedidas e tão necessárias.

Deos Guarde à V.ª Excia.

Illm.º e Exm.º Snr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Digm.º Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia

Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque 22 de Novembro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Findão-se no ultimo do corrente mez os dous meses de licença com ordenado que ao Snr. Doutor Linger forão concedidos pelo Imperial Governo, cujo importe se acha na Caixa da Colonia à disposição do dito Doutor.

A ausencia de médico n'uma população de quasi mil e duzentas colonos, torna-se muito prejudicial, como tenho exemplos de sobejo, ao ponto que ja vi-me obrigado de gastar com um Colono Frederico Mueller, colono novo e pobre, o qual por descuido deu em si mesmo na minha ausencia da Colonia um tiro na mão direita, a saber com o seu transporte da Colonia para o Snr. Doutor Knoblauch na Colonia Blumenau, por que taes ferimentos não admittem um transporte longo para o Hospital no Desterro, pelo perigo da demora

.....	18\$000
Curativo do Dr. Knoblauch	4\$000
Comida na Hospedaria em Blumenau do Sr. Schrep	3\$000
Conta da Botica em Blumenau do Boticário	5\$000
Volta do mesmo ferido de Blumenau a Brusque	4\$000
Total	Rs. 34\$000

sem ter verba para isto e rogo à V.ª Excia. de me dizer em que conta devo lançar este importe feito e indispensavel, com que se salvou uma vida em perigo eminente, e mais despesas menores em diversos outros cazos, com que não quero importunar à V.ª Excia.; tudo isto por falta de um médico assistente, e o que se repetirá desgraçadamente muitas vezes.

O Snr. Dr. Linger é pessoa de todos os muitos, tanto pessoas, como em qualidade de medico e supponho regressará a essa colonia, quanto antes. Se porem tal não fôr a intenção do mesmo Doutor, apresento à V.ª Excia. a urgentissima necessidade de se dignar a mandar dar providencias contra o flagelo de um povo, por falta de auxilio medico de toda especie.

Deus Guarde a V. Excia.

Illmo. e Exmo. Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dignissimo Presidente da Provincia de Santa Catarina.

O Diretor da Colônia
Barão de Schneéburg.

Directoria da Colonia Brusque, 29 de Novembro de 1883. Sr. Dr. L. Liner.

Illm. e Exm. Sr.

Fimão-se no ultimo do corrente mez os dois mases de honra com
ordenado que se Sr. Doutor Liner fôrto concedido pelo Imperial Governo,
cujo fimôrto se acha na Caixa da Colonia a disposiçao do Sr. Doutor

A ausencia de medico n'uma populaçao de quasi mil e duzentas co-
tonas torna-se muito prejudicial, como tanto exemplos de sopejo, ao ponto
que se tem observado de garras por um Colono, medico de Mulheres, colono
novo e de qual se escreveu para o Sr. Doutor Liner, a respeito de uma
Colonia de Mulheres, a qual se acha com a sua familia na Colonia de
Sr. Doutor Liner, a qual se acha com a sua familia na Colonia de
Sr. Doutor Liner, a qual se acha com a sua familia na Colonia de
Sr. Doutor Liner, a qual se acha com a sua familia na Colonia de

A direçao desta Revista e a Sociedade Amigos de Brus-

que desejam a todos os seus amigos, colaboradores e associa-

dos um FELIZ NATAL E UM ANO NOVO PLENO DE REALIZA-

ÇÕES CRISTÁS.

Brusque, Natal de 1883.

O Sr. Dr. Liner é pessoa de todos os mufitos, tanto passoes, como
em quanto de medico e subdito de testista e esse colono, quanto antes
se foram tal não for e intencio do Sr. Doutor Liner, a qual se
urgentissima necessidade de se dignar a mandar a provisao contra o
figeio de um povo, por falta de auxilio medico de toda especie.

Deus Guarde a V. Excia.

Illm. e Exm. Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dignissimo Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneburg

O Director da Colônia
Barão de Schneburg

Número 28 — Ano VII — Tiragem de
— 500 exemplares —

A Sociedade Amigos de Brusque muito agradece aos
senhores Reinaldo Graupner e Klaus Sallentien bem como à
Loja Maçônica "Ordem e Progresso", a generosa contribuição
financeira dada a esta Revista.